

Impacto das Práticas Parentais Maternas e Paternas na Motivação de Pré-adolescentes: Papel Mediador da Regulação Emocional

Telma Filipa Leite Pereira, nº39188

Dissertação

Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Orientação: Prof.^a Doutora Ana Conde

Ano letivo: 2021/2022

Dissertação
Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Telma Filipa Leite Pereira



UNIVERSIDADE PORTUGALENSE

Do conhecimento à prática.





Impacto das Práticas Parentais Maternas e Paternas na Motivação de Pré-adolescentes: Papel Mediador da Regulação Emocional

Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade Portucalense Infante D. Henrique, integrada no Mestrado de Psicologia Clínica e da Saúde, realizado sob a orientação da Prof.^a Doutora Ana Conde.

Esta Dissertação é da exclusiva responsabilidade do seu autor. O Departamento de Psicologia e Educação da Universidade Portucalense Infante D. Henrique declina qualquer responsabilidade, legal ou outra, em relação a erros ou omissões que possa conter.

Telma Filipa Leite Pereira, nº39188

Novembro, 2022

AGRADECIMENTOS

Com o término deste percurso, não poderia deixar de expressar o meu sincero agradecimento às pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão desta etapa tão significativa no âmbito pessoal e profissional.

Assim sendo, as minhas palavras de apreço e gratidão são dirigidas:

Aos meus pais e à minha avó Teresa por todo o esforço que fizeram para tornar o meu sonho realidade, por me apoiarem e acreditarem em mim incondicionalmente. Em especial, a ti avó Teresa, que partiste na reta final deste caminho, mas cujo o amor, interesse, dedicação e presença foram cruciais e agradeço-te todo orgulho que sempre demonstraste por mim. Os meus sonhos eram os teus sonhos e vivo na certeza de que os irei realizar e orgulhar-te ainda mais. Estarás sempre no meu coração.

À Prof.^a Doutora Ana Conde, que no papel de supervisora foi incansável, auxiliando-me em tudo que lhe foi possível. Pela sua paciência, disponibilidade, orientação e profissionalismo demonstrado em todo o processo.

À Prof.^a Doutora Paula Vagos que se mostrou disponível para me apoiar em termos estatísticos, pela sua paciência e disponibilidade.

Ao meu irmão pela sua alegria contagiante, que iluminou os momentos mais difíceis deste percurso.

Ao Zé e à Zeza, que sempre estiveram presentes e apoiaram-me em tudo que lhes foi possível, pelo seu amor e carinho.

À minha avó Minda, pelo carinho e pela amizade com que me presenteou em todos os momentos.

Aos meus amigos e amigas pelo seu companheirismo e amizade.

Por último, mas não menos importante, ao meu namorado, por todo o seu amor, compreensão e ajuda, sem dúvida que foi o meu maior pilar.

RESUMO

O presente estudo fundamenta-se na Teoria da Autodeterminação de Deci e Ryan (1985). Esta teoria postula que a motivação varia segundo um *continuum* entre a amotivação e a motivação intrínseca, às quais correspondem formas de regulação menos ou mais autodeterminadas, respetivamente (Ryan & Deci, 2017). A investigação procurou explorar o impacto mediador da regulação emocional dos pré-adolescentes na relação entre as práticas parentais e a motivação destes, analisando este efeito de forma independente para as práticas parentais maternas e paternas. A amostra foi constituída por 97 pré-adolescentes, com idades compreendidas entre os 10 a 12 anos de idade, sendo 50.5% do sexo feminino. Estes responderam a um protocolo de investigação constituído por um questionário socio-demográfico e três questionários de autorrelato cujo objetivo foi avaliar a motivação, a regulação emocional e as perceções acerca das práticas parentais da mãe e do pai. Os resultados desta investigação demonstraram que as práticas parentais influenciam a orientação motivacional do pré-adolescente, através do impacto têm na regulação emocional do mesmo. De forma particular, a regulação emocional do pré-adolescente, nomeadamente a sua autoconsciência emocional, mostrou mediar a relação entre as práticas parentais (i.e., suporte emocional materno e rejeição paterna) e a amotivação dos pré-adolescentes. Estas evidências dão pistas para a intervenção na motivação dos pré-adolescentes, a qual pode ser conseguida quer através da promoção de práticas parentais de suporte emocional e prevenção de práticas parentais de rejeitantes, quer através da promoção, junto dos pré-adolescentes, de estratégias de regulação emocional, particularmente na autoconsciência emocional.

Palavras-chave: Teoria da Autodeterminação; Motivação, Práticas Parentais; Regulação Emocional; Pré-adolescência.

ABSTRACT

The present study is based on the Theory of Self-Determination of Deci and Ryan (1985). This theory postulates that motivation varies according to a continuum between of non-motivation and intrinsic motivation, which correspond to less or more self-determined forms of regulation, respectively (Ryan & Deci, 2017). The investigation sought to explore the mediating impact of the emotional regulation of pre-adolescents in the relationship between parental practices and their motivation, analyzing this effect independently for maternal and paternal parental practices. The sample consisted of 97 pre-adolescents, aged between 10 and 12 years old, 50.5% of them female. They answered an investigation protocol consisting of a sociodemographic questionnaire and three self-reported questionnaires. The goal was to evaluate motivation, emotional regulation, and perceptions about the parental practices of the mother and father. The results of this research showed that parental practices influence the motivational orientation of the pre-adolescent, through the impact they have on their emotional regulation. In particular, the emotional regulation of pre-adolescents, namely their emotional self-awareness, showed mediating the relationship between parental practices (i.e., maternal emotional support and paternal rejection) and non-motivation of pre-adolescents. This evidence gives clues to the intervention in the motivation of pre-adolescents, which can be achieved through the promotion of parental practices of emotional support and prevention of parental practices of rejectors. And also through the promotion, among pre-adolescents, of emotional regulation strategies, particularly in emotional self-awareness.

Keywords: Self-Determination Theory; Motivation; Parental Practices; Emotional Regulation; Early Adolescence.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	11
MÉTODO	17
<i>Participantes</i>	17
<i>Instrumentos</i>	18
Questionário Sociodemográfico	18
Situational Motivation Scale for Children (SMS-15)	18
Emotional Regulation Index for Children and Adolescents (ERICA).....	19
Escala de Lembranças sobre Práticas Parentais - Crianças (EMBU-C).....	20
<i>Procedimentos</i>	21
<i>Procedimentos de Análise de Dados</i>	22
RESULTADOS	23
<i>Mediação da Regulação emocional na relação entre as práticas parentais maternas e a motivação dos pré-adolescentes</i>	23
<i>Mediação da Regulação emocional na relação entre as práticas parentais paternas e a motivação dos pré-adolescentes</i>	24
DISCUSSÃO	27
CONCLUSÃO	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33
ANEXOS	41

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Caracterização dos Participantes	17
Tabela 2: Indicadores de Ajuste Para o Modelo de Mediação Relativo às Práticas Parentais Maternas.....	23
Tabela 3: Indicadores de Ajuste Para o Modelo de Mediação Relativo às Práticas Parentais Paternas	25

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Diagrama estatístico do modelo de mediação simples que analisa a associação entre as práticas parentais da mãe e motivação em pré-adolescentes, através da regulação emocional dos pré-adolescentes.....	24
Figura 2: Diagrama estatístico do modelo de mediação simples que analisa a associação entre as práticas parentais do pai e motivação em pré-adolescentes, através da regulação emocional dos pré-adolescentes.....	25

INTRODUÇÃO

Esta investigação tem como principal objetivo analisar o efeito mediador da regulação emocional dos pré-adolescentes na relação entre as práticas parentais da mãe e do pai e a orientação motivacional dos primeiros. A pré-adolescência é caracterizada por inúmeras mudanças, sejam elas físicas, biológicas, sociais, cognitivas, entre outras, sendo também neste momento que se instalam hábitos e padrões de comportamento que tendem a manter-se na idade adulta. Os pais assumem um papel de primordial no desenvolvimento dos pré-adolescentes, através dos comportamentos que praticam, influenciando, nomeadamente, as estratégias de regulação emocional dos pré-adolescentes, assim como a sua motivação.

Neste sentido, comportamentos autoritários ou permissivos prejudicam o desenvolvimento de habilidades de regulação emocional, ao passo que comportamentos autoritativos e de controlo moderado facilitam o desenvolvimento da regulação emocional. Da mesma forma, embora cada individuo disponha de tendências motivacionais intrínsecas, ainda assim estas tendências podem ser facilitadas ou prejudicadas pela relação entre pais e filhos.

Esta investigação toma por base a Teoria da Autodeterminação de Deci e Ryan (1985), preocupando-se esta, essencialmente, com as condições sociais e os processos psicológicos, através dos quais, o crescimento, a autorregulação e a integridade social são otimizados (Ryan & Deci, 2017). Assim, torna-se possível assumir que esta é uma teoria que se aplica a contextos proximais, como é o caso das relações pais-filhos (Ryan & Deci, 2017).

Perante o acima exposto, o principal objetivo deste estudo foi explorar o impacto mediador da regulação emocional dos pré-adolescentes, na relação entre as práticas parentais e a motivação dos pré-adolescentes, analisando este efeito de forma independente para as práticas parentais maternas e paternas. Este estudo é natureza quantitativa e *design* transversal, tendo sido a amostra recolhida pelo método não probabilístico de conveniência, envolvendo de 97 pré-adolescentes, com idades compreendidas entre 10 e 12 anos. Os participantes responderam, em momento único, a um protocolo de investigação constituído por 4 questionários, entre eles: Questionário Sociodemográfico; *Situational Motivation Scale for Children*; *Emotional Regulation Index for Children and Adolescents*; *Escala de Lembranças sobre Práticas Parentais - Crianças*.

Nesta dissertação vão ser apresentados os resultados relativamente à análise dos objetivos anteriormente descritos. A apresentação deste trabalho encontra-se dividida em cinco secções. A primeira parte consiste num enquadramento teórico, onde será apresentada a revisão da literatura e os objetivos do estudo. Em seguida, será descrito o método, que inclui a caracterização da amostra em estudo, dos instrumentos utilizados e dos procedimentos



adotados. Posteriormente, serão discutidos os resultados obtidos na seção discussão e, por fim, será apresentada a conclusão deste trabalho.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A pré-adolescência representa a primeira etapa da adolescência (Gaete, 2015). Este período desenvolvimental é caracterizado por mudanças cognitivas, emocionais, sociais, físicas e neurobiológicas (Casey et al., 2010; Jack et al., 2018), incluindo maturação substancial das redes cerebrais funcionais, com implicação para a aquisição de habilidades cognitivas complexas (Casey et al., 2005; Le et al., 2020). A forma como o pré-adolescente lida com as mudanças acima descritas é determinada por diversos fatores, como: biológicos (e.g., temperamento, doenças físicas, capacidades intelectuais); políticos e económicos (e.g., oportunidades educacionais); sociais (e.g., valores parentais, estilos e práticas parentais) (Ryan & Deci, 2017).

O contexto parental é um dos fatores que mais exerce influência sobre a forma como o pré-adolescente se ajusta às mudanças, sendo neste contexto que, no início da adolescência, se observa a tensão entre a dependência e a autonomia em relação à família nuclear e ocorre ainda a reorientação social da influência dos pais para os colegas (Jack et al., 2018). Os pais assumem um papel de extrema importância na demarcação de trajetórias desenvolvimentais dos filhos, já que são o primeiro e principal agente de socialização, podendo prevenir ou facilitar alguns aspetos essenciais para o desenvolvimento saudável do filho através das práticas que adotam (Romão, 2012) e através da forma como criam ambientes sociais e emocionais nos anos de formação do filho (Méndez et al., 2013; Ryan & Deci, 2017). Ainda assim, é consensual ao longo da literatura (Conrade & Ho, 2001; Bolkan et al., 2010; McKinney & Renk, 2008) que existe clara diferença nos comportamentos que mães e pais praticam para educar os filhos. Concretizando, parece que as mães tendem a adotar comportamentos mais calorosos e de apoio, o que culmina em relacionamentos mais próximos com os seus filhos adolescentes, enquanto que os pais são percebidos pelos filhos como mais distantes e ausentes (Costa et al., 2000; Holmbeck et al., 1995).

Os desafios que o pré-adolescente enfrenta no início da adolescência podem ser acompanhados por reatividade emocional (Ahmed et al., 2015; Casey et al., 2008; Casey et al., 2010), sendo que a adolescência tem sido apontada como o período do desenvolvimento mais associado a intensa emocionalidade e desregulação emocional, ou por outras palavras, inadequada eficiência dos processos de regulação emocional. Por este motivo, esta etapa desenvolvimental caracteriza-se pelo aumento da vulnerabilidade e risco (e.g., escolhas arriscadas de comportamentos sexuais e utilização de drogas) (Casey et al., 2008) e estatísticas apontam que durante este período ocorre um aumento exponencial no número de mortes, muitas delas evitáveis (e.g., suicídio, homicídio, mortes acidentais, etc.) (Steinberg, 2008).

A etiologia da regulação emocional tem por base fatores biológicos e inatos, mas também fatores ambientais (Gupta & Gehlwat, 2020). Os fatores biológicos incluem o temperamento, genética e funcionamento de sistemas neuronais e fisiológicos (Ahmed et al., 2015). Por seu turno, entre os fatores ambientais podem ser incluídos a socialização parental, estilos e práticas parentais, pressão de pares, exposição a situações adversas (Gupta & Gehlwat, 2020) e clima emocional da família (Morris et al., 2007). É através da interação entre os determinantes suprarreferidos que a criança é orientada para determinada forma de perceber e reagir a cada situação.

O contexto familiar pode afetar a regulação emocional do pré-adolescente, de forma particular, através das práticas parentais, especialmente aquelas relacionadas com a emoção (Morris et al., 2007). Através de práticas de socialização da emoção (expressão da emoção, modelagem da emoção, discussão da emoção e reação às emoções expressadas pelo filho) (Brand & Kilmes-Dougan, 2010) e também por meio da exposição do filho a uma vasta gama de emoções e, conseqüentemente, observação das respostas (verbais e comportamentais) que os seus pais exibem a estímulos emocionais, os cuidadores podem influenciar a forma como os filhos aprendem a gerir as suas próprias emoções, já que a aprendizagem da regulação emocional ocorre por meio de aprendizagem observacional, modelagem e referência social (Morris et al., 2007).

De igual forma, os pais assumem um papel no desenvolvimento da regulação emocional dos filhos, nomeadamente nas suas estratégias de autocontrolo e autorregulação, através da forma como respondem às manifestações emocionais dos seus filhos. Quando utilizam práticas coercivas (e.g., punição), pouco carinhosas, controladoras, que valorizem a autoridade e a estrita obediência às suas ordens, criam crianças com comportamentos externalizantes (e.g., agressivos ou desafiadores), levando à frustração, e ampliam a expressão da emoção. Em consonância, pais que não impõem limites ou não façam exigências criam pré-adolescentes com baixo autocontrolo e autoconfiança (Baumrind, 1971; Mauro & Harris, 2000). Deste modo, comportamentos autoritários ou permissivos por parte dos pais podem prejudicar o desenvolvimento de habilidades de regulação emocional (Mauro & Harris, 2000). No mesmo seguimento, a utilização de práticas que impedem que os filhos giram autonomamente as suas emoções, não experimentando várias estratégias de regulação emocional, nem percebendo o seu resultado, dificultam que o filho aprenda habilidades de regulação emocional (Bell & Calkins, 2000; Calkins & Johnson 1998; Fox & Calkins, 2003). Pelo contrário, práticas autoritativas (e.g., demonstração de carinho, estabelecimento de limites claros e encorajamento de independência) facilitam o desenvolvimento de regulação emocional (Silverman & Ragusa, 1992), incentivando e orientando, permitem encorajar, treinar e facilitar a resolução

de problemas, facilitando a aquisição de competências para reconhecer e controlar as emoções de forma regulada e construtiva (Calkins & Johnson, 1998; Leerkes et al., 2009; Southman-Geroe & Kendall, 2002). No mesmo seguimento, pais que assumem práticas de controle moderadas, que são carinhosos, que utilizam mais recompensas do que punição criam pré-adolescentes amigáveis, cooperativos, independentes e com maiores níveis de autocontrole.

Além do papel que os progenitores assumem na regulação emocional dos seus filhos, este contexto de socialização também evidencia um impacto importante no desenvolvimento da motivação dos descendentes. Esta importância é espelhada no modelo da Teoria da Autodeterminação de Deci e Ryan (1985), que procura explorar as características dos contextos sociais e os processos psicológicos, através dos quais, o crescimento, a autorregulação e a integridade social são otimizados (Ryan & Deci, 2017).

Concretizando, os indivíduos podem assumir tendências de ação proactivas, ou pelo contrário, passivas, dependendo dos contextos que integram e onde se desenvolvem (Deci & Ryan, 2000; Ryan & Deci, 2000). Assim, apesar de os seres humanos disporem de tendências motivacionais intrínsecas, existe clara evidência que esta predisposição pode ser inibida ou facilitada pela não satisfação ou satisfação, respetivamente, das necessidades psicológicas básicas: competência, que se refere à necessidade da criança se sentir eficaz e capaz de enfrentar desafios, que pode ser facilitada pelo *feedback* positivo; autonomia, que se refere à necessidade da criança de se envolver de forma livre e espontânea em atividades; relacionamento, que se refere à necessidade de experienciar sentimentos de calor afetivo e cuidado (Deci & Ryan, 2000; Mabbe et al., 2018; Ryan & Deci, 2000; Ryan & Deci, 2017).

A satisfação das necessidades está relacionada com a vitalidade, enquanto a sua frustração prediz o esgotamento motivacional (Ryan & Deci, 2008). Deste modo, a satisfação das necessidades descritas encontra-se relacionada com a interação adequada entre pais e filhos (Mabbe et al., 2018), especificamente, os comportamentos dos pais que visem a satisfação das necessidades psicológicas básicas promovem níveis mais elevados de motivação intrínseca (Jack et al., 2018; Ryan & Deci, 2017; Ulrich-French & Smith, 2009). Do mesmo modo, estudos verificaram que pais que apoiam a autonomia, em comparação com pais controladores, têm filhos intrinsecamente mais motivados (Grolnick et al., 1997 cit in Ryan & Deci, 2000).

Pelo contrário, quando os indivíduos experimentam ambientes que frustrem as necessidades, como contextos que são excessivamente controladores, rejeitantes, críticos ou negativos, ou que de outra forma frustrem as necessidades psicológicas básicas, os indivíduos podem apresentar maior propensão para se tornarem amotivados, defensivos, agressivos e antissociais (Ryan & Deci, 2017). Deste modo, parece que pais que utilizem práticas de

coerção e castigo corporal promovem formas externas e introjetadas de regulação (Ryan & Deci, 2017).

A literatura tem vindo a comprovar que a qualidade da relação entre pais e filhos, ou seja, manifestações de calor afetivo e capacidade de compreender e responder às necessidades do filho, está relacionada com o desenvolvimento de maior motivação intrínseca (Ryan & Deci, 2000). Num estudo levado a cabo por Mizoguchi e colaboradores (2013), os autores descobriram que os atletas que relataram maiores níveis de motivação intrínseca demonstram receber práticas de suporte emocional por parte dos seus pais.

Por sua vez, a regulação emocional e a motivação têm apresentado associações na literatura científica, com algumas investigações, em vários contextos da vida do indivíduo, concretamente, no contexto desportivo, a motivação mais autónoma (e.g., motivação intrínseca, regulação integrada e regulação identificada) está positivamente relacionada ao reconhecimento emocional, empatia e regulação emocional (Arribas-Galarraga et al., 2017). Neste sentido, parece que quanto mais autodeterminado o indivíduo for, maior será o grau de adaptabilidade em eventos ou tarefas, já que os enfrenta de forma mais eficiente como resultado de uma melhor regulação emocional (Rodríguez-González et al., 2021; Weinstein et al., 2011). Assim, a orientação motivacional do atleta parece apresentar relação com a forma como regulam as suas emoções (Amaral & Cruz, 2013). Já no contexto educativo, a motivação intrínseca tem sido positivamente relacionada com a capacidade de compreender as próprias emoções (Oriol et al., 2016), ou seja, os alunos mais dispostos a explorar as suas emoções teriam, conseqüentemente, melhor compreensão dos processos emocionais, o que facilita a perceção das tarefas como desafiadoras e motivadoras (Deci & Ryan, 2014; Oriol et al., 2016). Da mesma forma, Rodríguez-González e colaboradores (2021) revelaram que os alunos mais motivados nas aulas de educação física revelam-se mais capazes de reconhecer e controlar as suas emoções. Estes resultados parecem ser congruentes com a ideia de que as habilidades emocionais podem auxiliar na condução do aumento da motivação intrínseca para comportamentos autodeterminados (Morales & López-Zafra, 2009).

Pelo exposto acima, é possível destacar a pré-adolescência como uma fase crítica para o estudo e investimento em intervenções acerca de variáveis que influenciem significativamente as trajetórias desenvolvimentais, também porque é nesta fase que se instalam hábitos e padrões de comportamentos que tendem a manter-se na idade adulta e que influenciam a saúde atual e futura (Freake et al., 2007).

O facto de aspetos da regulação emocional serem passíveis de aprimoramento com o treino, torna o seu estudo ainda mais relevante, para além de que, determinadas formas de regulação motivacional podem ser estimuladas por meio da exposição a determinados

ambientes (Ryan & Deci, 2017). Estes factos comprovam a importância das práticas parentais, uma vez que, estas influenciam o desenvolvimento cognitivo, afetivo, emocional e psicológico dos filhos (Carvalho & Gomide, 2005). Assim, compreender a importância que os comportamentos parentais têm no desenvolvimento da orientação motivacional e da regulação emocional nos filhos torna-se relevante nomeadamente do ponto de vista da intervenção (Coutinho et al., 2018), permitindo a conceção de ações que otimizem os comportamentos praticados pelos progenitores.

Embora existam evidências prévias consistentes que demonstram a importância das práticas parentais, quer para a regulação emocional dos filhos, quer para a sua motivação, estes estudos têm dado particular destaque ao papel da mãe no desenvolvimento destes processos no filho, sendo mais escassos os que analisam o papel do pai (Curvello & Mendes, 2020). De igual forma, não se conhecem estudos que tenham explorado o papel mediador da regulação emocional no impacto das práticas parentais na motivação dos pré-adolescentes, embora este efeito mediador seja plausível, tendo em consideração as evidências prévias que demonstram o impacto das práticas parentais na regulação emocional dos adolescentes (e.g., Méndez et al., 2013) e da regulação emocional destes na sua motivação (e.g., Amaral & Cruz, 2013; Rodríguez-González et al., 2021)

Parece fundamental que os pais tomem conhecimento da influência das suas práticas, uma vez que estes comportamentos podem ser considerados fatores de proteção ou fatores de risco, pois se por um lado podem promover sentimentos de segurança e autoestima, favorecendo o bem-estar global da criança, por outro lado podem contribuir para condições adversas de existência, implicando sofrimento (Canavarro, 1999).

Com base nos pressupostos suprarreferidos, a investigação tem como objetivo gerar informações e conhecimentos sobre a influência das práticas parentais e da regulação emocional na motivação geral dos pré-adolescentes. Espera-se que práticas parentais adequadas (e.g., expressão de carinho, estabelecimento de limites e encorajamento da independência) estejam associadas a formas de regulação emocional mais adaptativas em pré-adolescentes (Calkins & Johnson, 1998; Leerkes et al., 2009; Mauro & Harris, 2000; Southman-Geroe & Kendall, 2002) e que formas mais adaptativas de regulação emocional sejam preditas pelas práticas parentais adequadas e que sejam preditoras de níveis mais autodeterminados de regulação motivacional (Amaral & Cruz, 2013; Arribas-Galarraga et al., 2017; Rodríguez-González et al., 2021), assumindo a variável regulação emocional um efeito mediador na relação entre as práticas parentais e a motivação.

Deste modo, o objetivo do presente estudo passa por: explorar o impacto mediador da regulação emocional dos pré-adolescentes na relação entre as práticas parentais e a

motivação dos pré-adolescentes, analisando este efeito de forma independente para as práticas parentais maternas e paternas.

MÉTODO

Participantes

Na presente investigação participaram 97 pré-adolescentes com idades compreendidas entre os 10 e 12 anos ($M = 11.31$, $DP = 0.846$). Os participantes foram selecionados tendo em conta os seguintes critérios de inclusão: (1) ser de nacionalidade portuguesa ou dominar a língua portuguesa; (2) ter idades entre 10 e 12 anos; (3) possuir aptidão de leitura e escrita autónoma. Excluem-se deste estudo pré-adolescentes que apresentem alguma condição, diagnosticada, do foro físico (e.g., cegueira) ou psicológico (e.g., Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção, Perturbação do Espectro do Autismo, Dislexia, Disgrafia ou Discalculia) e que estejam medicados para aspetos emocionais. Para uma caracterização pormenorizada da população em estudo deverá ser consultada a Tabela 1, abaixo.

Tabela 1

Caracterização dos Participantes

	Frequência	Percentagem
Idade		
10	24	24.7
11	19	19.6
12	54	55.7
Sexo		
Masculino	48	49.5
Feminino	49	50.5
Nacionalidade		
Portuguesa	95	97.9
Brasileira	1	1
Angolana	1	1
Agregado Familiar		
Pai e/ou mãe sem irmãos	26	26.8
Pai e/ou mãe com irmãos	39	40.2
Família reconstruída sem irmãos	3	3.1
Família reconstruída com irmãos	1	1
Pai e/ou mãe com família alargada	1	1
Pai e/ou mãe com família alargada e irmãos	4	4.1

Número de Irmãos		
Nenhum	28	28.9
1 irmão/ã	47	48.5
2 irmãos/ãs	15.5	13.3
3 irmãos/ãs	5	5.2
4 ou mais irmãos/ãs	4	4.1
Estado Civil Parental		
Casados/ coabitação	66	68
Divorciados/ separados	22	22.7
Solteiros	5	5.2
Viúvos	4	4.1

A maioria dos pré-adolescentes que participaram no estudo tinham 12 anos, eram do sexo feminino e de nacionalidade portuguesa. Viviam maioritariamente com pai e/ou mãe e irmãos, concretamente 1 irmão, na sua maioria. O estado civil mais prevalente entre os pais dos participantes é casados/coabitação.

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico

Este questionário foi construído pela equipa de investigação de modo a recolher informações sociodemográficas dos participantes. Nele constam questões como: idade; sexo; nacionalidade; agregado familiar; estado civil parental; número de irmãos.

Situational Motivation Scale for Children (SMS-15)

A *Situational Motivation Scale for Children* (SMS-15), desenvolvida por Skalski em 2019, é uma escala que permite medir a motivação da criança em ambientes não escolares. Maior pontuação obtida em determinado domínio é sinónimo de maiores níveis de motivação nessa dimensão específica.

O presente questionário é constituído por 15 itens, respondidos numa escala Likert de 5 pontos (1 - Discordo totalmente; 2 - Discordo; 3 - Não Concordo nem discordo; 4 – Concordo; 5-Concordo totalmente).

O SMS-15 divide-se em 5 domínios: Motivação Intrínseca, avaliada pelos itens 1, 3, 12, (e.g., “Because this activity is interesting”); Regulação Externa, avaliada pelos itens 2, 8, 10,

(e.g., “Because my relatives (e.g., parents) expect it”); Regulação por Identificação, avaliada pelos itens 4, 7, 13, (e.g., “I do it for my own good”); Regulação Introjogada, avaliada pelos itens 6, 11, 14, (e.g., “Because I can prove to myself that I can work harder than others”); Amotivação, avaliada pelos itens 5, 9, 15, (e.g., “I don’t know. Personally, I am not convinced that it is worth doing”).

No que diz respeito à análise de consistência interna, no estudo original, foram obtidos coeficientes *alfa de cronbach* que variaram entre 0.82 e 0.84 para os cinco fatores identificado na análise fatorial (Skalsi, 2019). No caso da amostra em estudo, os coeficientes *alfa de cronbach* variaram 0.63 e 0.87, para os cinco fatores identificados na validação original da escala.

Emotional Regulation Index for Children and Adolescents (ERICA)

O *Emotional Regulation Index for Children and Adolescents* (ERICA) é um questionário de autorrelato, desenvolvido por MacDermott e colaboradores em 2010 e posteriormente traduzido e validado para a população portuguesa por Reverendo em 2011. Permite avaliar a qualidade da regulação emocional de crianças e adolescentes, sendo que quanto maior pontuação na globalidade da escala, melhores estratégias de regulação emocional tem o pré-adolescente e pontuações mais altas nas subescalas significam maior utilização da respetiva estratégia de regulação emocional (Reverendo, 2011). O presente questionário é constituído por 16 itens respondidos numa escala *Likert* de 5 pontos.

O ERICA divide-se em 3 domínios: Controlo Emocional avaliado pelos itens 3, 4, 5, 7, 9, 10, 12, 14, 16, (e.g., “Quando as coisas não correm como eu quero, fico aborrecido(a) facilmente”); Autoconsciência Emocional avaliada pelos itens 1, 11, 13, (e.g., “Sou uma pessoa feliz”); Responsividade Situacional avaliada pelos itens 2, 6, 8, 15, (e.g., “Eu gosto de ver os outros a magoarem-se ou a ficarem aborrecidos”).

No que concerne à análise de consistência interna, a versão portuguesa possui um coeficiente *alfa de cronbach* de 0.73 para a escala total e coeficientes que variaram entre 0.52 e 0.71 (Reverendo, 2011). No caso da amostra em estudo, o coeficiente *alfa de cronbach* na escala total foi de 0.63 e variou entre 0.51 e 0.66 para os diferentes domínios do ERICA.

Escola de Lembranças sobre Práticas Parentais - Crianças (EMBU-C)

A *Escola de Lembranças sobre Práticas Parentais - Crianças (EMBU-C)* foi desenvolvido por Castro e colaboradores (1993) e posteriormente traduzida e validada para a população portuguesa por Canavarro e colaboradores (2003). O presente questionário é constituído por 32 itens (cada um deve ser respondido em relação ao pai e à mãe), respondidos numa escala tipo *Likert* de 4 pontos (1 - Não, nunca; 2 - Sim, às vezes; 3 - Sim, frequentemente; 4 - Sim, sempre).

O EMBU-C permite avaliar a perceção que as crianças têm em relação às práticas parentais dos seus progenitores. Divide-se em 3 escalas: Suporte Emocional que é definido por comportamentos parentais que promovam a sensação de conforto e aprovação, avaliado pelos itens 1, 3, 7, 9, 12, 13, 14, 16, 20, 21, 24, 27, 29, 32 (e.g., “Os teus pais dizem-te que gostam de ti e abraçam-te e beijam-te?”); Rejeição, caracterizada por comportamentos parentais cujo objetivo é mudar a vontade dos filhos, entendida como rejeição do filho como indivíduo, avaliada pelos itens 2, 10, 11, 17, 25, 26, 28, 31 (e.g., “Sentes-te triste quando os teus pais não te dão o que queres?”); Tentativa de Controlo, definida por excessiva preocupação que promove o stress e a intrusão nas atividades dos filhos e regras rígidas, avaliada pelos itens 4, 5, 6, 8, 15, 18, 19, 22, 23, 30 (e.g., “Os teus pais dizem-te como te deves vestir, pentear...”).

No que diz respeito à análise de consistência interna, a versão portuguesa possui coeficientes de *alfa de cronbach* de 0.85, 0.62 e 0.56 para as escalas Suporte Emocional, Rejeição e Tentativa de Controlo, respetivamente, quando respondido em relação ao pai. Em relação à mãe, a escala obteve valores de consistência interna de 0.83, 0.63 e 0.56 para as escalas Suporte Emocional, Rejeição e Tentativa de Controlo, respetivamente (Canavarro & Pereira, 2007). No caso da amostra em estudo, em relação à mãe, os coeficientes *alfa de cronbach* obtidos foram 0.91, 0.79 e 0.75, para as subescalas Suporte Emocional, Rejeição e Tentativa de Controlo, respetivamente. No caso do pai, os coeficientes *alfa de cronbach* obtidos foram 0.92, 0.70 e 0.77, para as subescalas Suporte Emocional, Rejeição e Tentativa de Controlo, respetivamente.

Procedimentos

Antes da implementação do estudo foram cumpridas as formalidades éticas exigidas, nomeadamente, o pedido de autorização à Comissão de Ética para a saúde da Universidade Portucalense Infante D. Henrique. Seguidamente, procedeu-se à divulgação do protocolo de investigação a outros pais de crianças com idades compreendidas entre 10 e 12 anos, por via on-line, com a apresentação do estudo nas redes sociais (pessoais e institucionais). O/A pai/mãe ao/à qual a presente investigação foi divulgada aceitou que o filho/a participasse no estudo através do preenchimento do consentimento informado (cf. Anexo 1), e de seguida deveriam auxiliar os filhos no acesso ao inquérito a ser preenchido individualmente pelos mesmos. No consentimento informado disponibilizado on-line constam os objetivos do estudo, assim como a garantia do anonimato e confidencialidade na recolha e análise dos dados. Foram ainda mencionados os critérios de inclusão e exclusão.

Posteriormente, com o intuito de reforçar a amostra, foi estabelecido contacto com a Diretora de um Agrupamento de Escolas da área metropolitana do Porto, de modo a obter autorização para realizar parte da recolha de dados nesta instituição de ensino. Após a confirmação da autorização, a investigadora estabeleceu contacto com os diretores de turma do 5.º, 6.º e 7.º ano de escolaridade, de modo a explicitar os objetivos da investigação e os seus procedimentos, os quais assumiram a cooperação no procedimento relativo à entrega do consentimento informado (cf. Anexo 2), aos pais.

Após a devolução das respetivas autorizações pelos encarregados de educação procedeu-se ao agendamento, com cada diretor de turma, de uma data e horário para o preenchimento do protocolo de investigação pelos pré-adolescentes. A recolha de dados foi realizada no segundo período letivo, por meio de um computador ou telemóvel, através da plataforma *Google Forms*. Antes do preenchimento dos questionários, num local calmo e silencioso, a investigadora procedeu à leitura das instruções e explicitação dos objetivos do estudo e da confidencialidade dos dados, do anonimato, assim como a possibilidade de desistência a qualquer momento, sem qualquer consequência negativa. Os participantes demoraram cerca de 25 minutos a preencher o protocolo de investigação.

Em ambos os processos de recolha foram assegurados todos os procedimentos éticos enumerados no Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses para a investigação.

Os procedimentos de recolha e armazenamento dos dados enquadram-se no Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados e de acordo com as orientações presentes na

Declaração de Helsínquia e da Convenção de Ovídeo. A recolha de dados começou em Janeiro de 2022 e terminou em Abril de 2022.

Procedimentos de Análise de Dados

Os dados foram inseridos na base de dados IBM SPSS - *Statistical Package for Social Sciences* - na sua versão 25, para a criação da base de dados. Numa primeira fase, foram utilizadas estatísticas descritivas para caracterizar a amostra em estudo. De seguida, procedeu-se à análise de consistência interna para as variáveis em estudo. Para a análise dos dados referentes aos modelos de mediação e análises preditivas recorreu-se ao Mplus V7.4 (Múthen & Múthen, 1998 - 2012). Inicialmente, através do programa estatístico Mplus V7.4, os dados foram testados para a distribuição normal multivariada, e uma vez que, os dados não a seguiam, foi utilizado o estimador Maximum Likelihood Robust (MLR), de modo a explicar os desvios da distribuição normal e para a presença de valores omissos, que neste caso não foram identificados. Seguidamente, um modelo base foi testado e modificado para alcançar um modelo mais parcimonioso e teórica e estatisticamente válido. As modificações no modelo base foram executadas apenas quando não interromperam as vias preditivas, indo ao encontro do que foi estabelecido nos objetivos. As análises foram executadas de forma independente para os efeitos das práticas parentais maternas e paternas. Assim, os modelos base consideraram um efeito direto das três dimensões das práticas parentais (e.g., Suporte Emocional, Rejeição e Tentativa de Controlo) nas dimensões da motivação (e.g., Motivação Intrínseca, Regulação Integrada, Regulação Identificada, Regulação Introjetada, Regulação Externa e Amotivação) e da regulação emocional (e.g., Controlo Emocional, Autoconsciência Emocional e Responsividade Situacional) e um efeito indireto (mediador), através das dimensões da regulação emocional, das dimensões das práticas parentais nas dimensões da motivação.

Estes modelos podem ser considerados estatisticamente válidos, com valores dentro do aceitável em dois índices, nomeadamente o Comparative Fit Index (CFI), com valor superior a 0.92, combinado com valores de Standardized Root Mean Square Residual (SRMR) inferior a 0.08. No entanto o valor do Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA) situa-se acima de 0.06 (Hair et al., 2014).

RESULTADOS

Mediação da Regulação emocional na relação entre as práticas parentais maternas e a motivação dos pré-adolescentes

No que diz respeito ao modelo relativo às práticas parentais maternas, as variáveis relacionadas com práticas parentais foram consideradas as variáveis independentes, os diferentes domínios de regulação emocional foram introduzidos como as variáveis mediadoras e as diferentes dimensões de motivação foram exploradas enquanto variáveis dependentes. Os resultados indicam que o primeiro modelo obteve valores dentro do aceitável em dois dos índices (consultar tabela 2). Ainda assim, o modelo base foi modificado de modo a alcançar um modelo mais parcimonioso e teórica e estatisticamente mais aceitável. Neste seguimento, foram retirados os caminhos não significativos presentes no modelo base e, por conseguinte, obteve-se um modelo final com um bom ajustamento dos dados (consultar tabela 2).

Tabela 2

Indicadores de Ajuste Para o Modelo de Mediação Relativo às Práticas Parentais Maternas

	χ^2	df	RMSEA	90% CI para RMSEA	CFI	SRMR
Modelo base	3.961	1	0.175	0.018 - 0.369	0.988	0.025
Modelo ajustado	7.952	6	0.058	0.000 - 0.152	0.091	0.040

O Suporte Emocional da mãe demonstra ter um efeito, direto e positivo, na Autoconsciência Emocional dos pré-adolescentes e direto e negativo na Amotivação dos mesmos. Por sua vez, a Autoconsciência Emocional dos pré-adolescentes tem um efeito direto e negativo na amotivação, cumprindo-se assim os pressupostos para um efeito mediador da Autoconsciência Emocional na relação entre o Suporte Emocional materno e Amotivação dos pré-adolescentes, tal como é comprovado pelo efeito indireto estatisticamente significativo encontrado (ver figura 1).

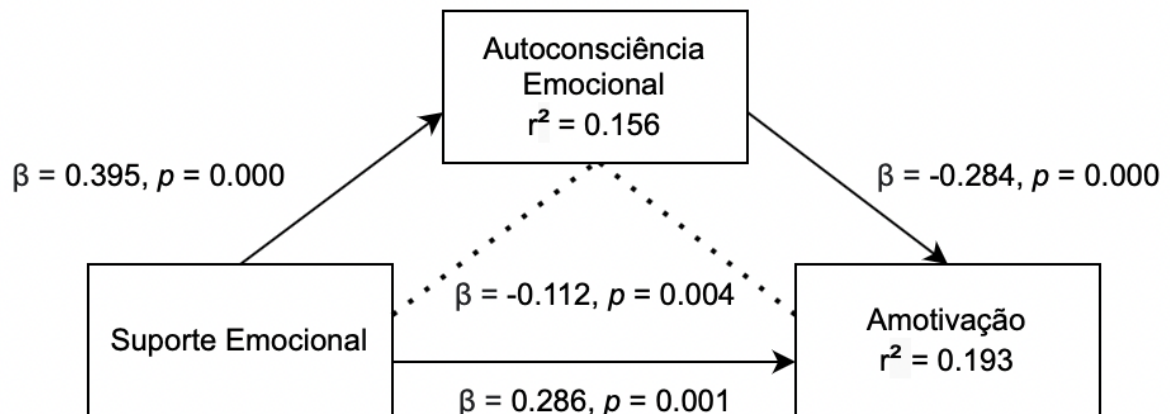


Figura 1: Diagrama estatístico do modelo de mediação simples que analisa a associação entre as práticas parentais da mãe e motivação em pré-adolescentes, através da regulação emocional dos pré-adolescentes

Para além do modelo de mediação encontrado, e anteriormente descrito, verificaram-se ainda efeitos diretos positivos, entre a prática parental Rejeição e as dimensões de motivação Regulação Externa ($\beta = 0.385, p = 0.000$) e Amotivação ($\beta = 0.286, p = 0.001$); Efeitos diretos positivos entre prática parental Suporte Emocional e as dimensões de motivação Motivação Intrínseca ($\beta = 0.328, p = 0.000$) e Regulação Identificada ($\beta = 0.318, p = 0.001$); E efeitos diretos negativos entre a prática parental Rejeição e as dimensões de motivação Motivação Intrínseca ($\beta = -0.289, p = 0.001$) e Regulação Identificada ($\beta = -0.250, p = 0.006$).

Mediação da Regulação emocional na relação entre as práticas parentais paternas e a motivação dos pré-adolescentes

Relativamente às práticas parentais paternas, as variáveis relacionadas com as práticas parentais foram consideradas no modelo como variáveis independentes, os domínios de regulação emocional como variáveis moderadoras e as dimensões de motivação foram exploradas como as variáveis dependentes. Os resultados indicam que o primeiro modelo não obteve um bom ajuste para os dados (consultar tabela 3). Deste modo, o modelo base foi modificado de modo a alcançar um modelo mais parcimonioso e teórica e estatisticamente válido.

Neste seguimento, foram retirados os caminhos não significativos presentes no modelo base e, por conseguinte, obteve-se um modelo final com um bom ajustamento dos dados (consultar tabela 3).

Tabela 3

Indicadores de Ajuste Para o Modelo de Mediação Relativo às Práticas Parentais Paternas

	χ^2	df	RMSEA	90% CI para RMSEA	CFI	SRMR
Modelo base	2.394	1	0.124	0.000 - 0.336	0.993	0.018
Modelo ajustado	5.583	9	0.000	0.000 - 0.080	1.000	0.033

O modelo de mediação analisado demonstra que a prática parental paterna Rejeição assume um efeito, direto e negativo, na Autoconsciência Emocional dos pré-adolescentes, e na dimensão de Amotivação dos mesmos. De igual forma se verificou um efeito, direto e negativo, da Autoconsciência Emocional na Amotivação dos pré-adolescentes, cumprindo-se assim os pressupostos para um efeito mediador da Autoconsciência Emocional na relação entre a Rejeição paterna e Amotivação dos pré-adolescentes, tal como é comprovado pelo efeito indireto estatisticamente significativo encontrado (ver figura 2).

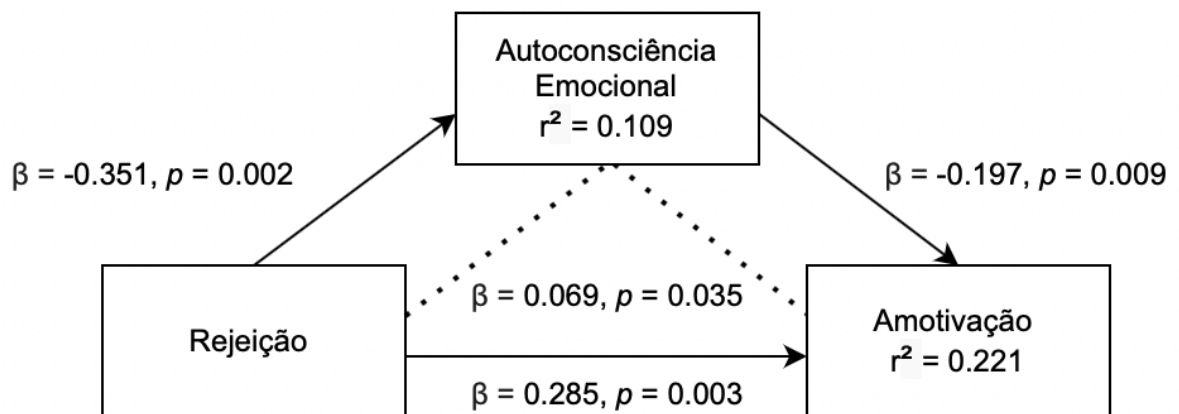


Figura 2: Diagrama estatístico do modelo de mediação simples que analisa a associação entre as práticas parentais do pai e motivação em pré-adolescentes, através da regulação emocional dos pré-adolescentes

Para além do modelo de mediação encontrado, e anteriormente descrito, verificaram-se ainda efeitos diretos positivos entre a prática parental Rejeição e as e as dimensões de motivação Regulação Externa ($\beta = 0.295, p = 0.003$) e Amotivação ($\beta = 0.285, p = 0.003$); Efeitos diretos positivos entre a prática parental Suporte Emocional e as dimensões de motivação Motivação Intrínseca ($\beta = 0.302, p = 0.000$) e Regulação Identificada ($\beta = 0.380, p = 0.000$); E efeitos diretos negativos entre a prática parental Rejeição e as dimensões de motivação Motivação Intrínseca ($\beta = -0.280, p = 0.002$) e Regulação Identificada ($\beta = -0.230, p = 0.024$).

DISCUSSÃO

O principal objetivo desta investigação consistiu em explorar o impacto mediador da regulação emocional dos pré-adolescentes na relação entre as práticas parentais e a motivação dos pré-adolescentes, analisando este efeito de forma independente para as práticas parentais maternas e paternas.

Verificou-se a existência de dois modelos distintos de mediação para o caso da mãe e do pai. No caso da mãe, a análise de mediação comprovou que a autoconsciência emocional do pré-adolescente assume um papel mediador entre o suporte emocional materno e a amotivação do pré-adolescente, o que parece sugerir que o suporte emocional materno assume-se como um fator promotor da autoconsciência emocional dos filhos, e esta última como um fator protetor, prevenindo a amotivação. Assim, o suporte emocional materno contribui para uma maior autoconsciência emocional do pré-adolescente, o que é congruente com a literatura existente, a qual demonstra que práticas parentais que apoiem, orientem e encorajem os descendentes, facilitam a aquisição de habilidades de regulação emocional, nomeadamente, o reconhecimento das próprias emoções, ainda que em idades diferentes (Calkins & Johnson, 1998; Leerkes et al., 2009; Southman-Geroe & Kendall, 2002). Por sua vez, a autoconsciência emocional do pré-adolescente prediz negativamente a amotivação, o que pode ser congruente com a hipótese de que quanto mais consciente o pré-adolescente estiver das suas emoções mais autodeterminado será. De facto, evidências empíricas prévias têm vindo a comprovar que formas de motivação mais autónomas se encontram positivamente relacionadas com a autoconsciência emocional, na medida em que estes indivíduos, ao estarem mais predispostos a explorar as suas emoções, conseguem reconhecê-las e regulá-las mais facilmente, o que, conseqüentemente, potencia formas mais autónomas de regulação (Arribas-Galarraga et al., 2017; Rodríguez-González et al., 2021; Weinstein et al., 2011). Os resultados obtidos no presente estudo parecem acrescentar que formas de regulação emocional eficazes, especificamente a autoconsciência emocional, não só promove níveis de autorregulação mais elevados (Rodríguez-González et al., 2021; Weinstein et al., 2011), mas também está associada a menores níveis de amotivação. Deste modo, parece haver uma relação entre a forma de regulação emocional e a orientação motivacional dos pré-adolescentes, tal como já encontrado em adolescentes (Amaral & Cruz, 2013).

No que diz respeito ao papel paterno, a análise de mediação demonstrou que a autoconsciência emocional do pré-adolescente assume um papel mediador entre a rejeição e a amotivação do pré-adolescente, o que parece indicar que a rejeição parental influencia negativamente a autoconsciência emocional do pré-adolescente e, conseqüentemente, contribui para níveis mais elevados de amotivação. Desta forma, a literatura tem vindo a sugerir que, a

rejeição parental tende a influenciar o filho a desenvolver agressividade, hostilidade, desadequação e instabilidade emocional (Kim et al., 2016; Ronher et al., 2008), ou seja, inadequada eficiência dos processos de regulação emocional. De modo geral, a rejeição parental contribui para o desajustamento psicológico do filho (Rohner et al., 2008). Castro et al. (1993) e Markus et al. (2003) comprovaram que a variável rejeição se encontra inversamente relacionada com o nível de elaboração emocional. Neste seguimento, níveis baixos de regulação emocional promovem a amotivação, sendo que tem sido comprovado pela literatura que quanto mais conscientes das suas emoções, menor a tendência para a amotivação (Arribas-Galarraga et al., 2017; Rodríguez-González et al., 2021; Weinstein et al., 2011), tal como anteriormente explanado.

Outro estudo encontrou uma relação direta entre a rejeição parental e a amotivação dos filhos, o que sugere que quando os pais não apoiam os filhos contribuem para níveis de amotivação (Mizoguchi et al., 2013), uma vez que, de acordo com a Teoria da Autodeterminação (Deci & Ryan, 1985), não estão a satisfazer as necessidades básicas autonomia, competência e relacionamento, fundamentais para formas mais autodeterminadas de motivação.

Verificou-se a existência de efeitos diretos positivos e negativos semelhantes em relação à mãe e ao pai na relação entre algumas variáveis. No que concerne a efeitos diretos negativos, estes são notados na relação entre as variáveis rejeição e motivação intrínseca. Entende-se deste modo que as relações marcadas por comportamentos de rejeição parental (e.g., rejeição e hostilidade física e verbal (Pinto et al., 2014)) podem contribuir para filhos pouco motivados intrinsecamente, isto é, quando os indivíduos estão integrados em ambientes que frustram as suas necessidades, como, por exemplo, contextos controladores, rejeitantes e críticos, a sua motivação intrínseca fica prejudicada, dificultando o funcionamento saudável (Ryan & Deci, 2017). Efeitos diretos positivos foram encontrados entre a rejeição e variáveis motivacionais como a regulação externa (um tipo de motivação extrínseca, contrastante com a motivação intrínseca) e com a amotivação. O que parece que quanto maior os comportamentos de rejeição, mais os filhos se irão sentir motivados por contingências de recompensas ou punições ou sentir-se-ão amotivados. Estes resultados vão de encontro ao estudo realizado por Mizoguchi e colaboradores (2013) e Vieira e colaboradores (2013), ainda que em contexto desportivo.

Tais conclusões apoiam o que foi referido anteriormente, uma vez que atitudes rejeitantes praticadas pelos pais predizem níveis mais elevados de amotivação e de formas de regulação menos autónomas (e.g., regulação externa), na medida em que práticas rejeitantes, isto é, práticas que, entre outros aspetos, não estimulam a autonomia, o relacionamento nem a competência do filho (Baumrind, 1971), contribuem para a frustração das necessidades

psicológicas básicas e, conseqüentemente, dificultam o desenvolvimento ótimo do pré-adolescente, já que, nos primeiros estágios de vida do filho, o apoio à autonomia nutre o autodesenvolvimento (Ryan & Deci, 2017). Esta tendência vai ao encontro da Teoria da Autodeterminação, que contempla que os indivíduos são afetados positiva ou negativamente pela satisfação ou frustração, respetivamente, das necessidades psicológicas básicas (Ryan & Deci, 2017) e é sustentada por evidências prévias (Mizoguchi et al., 2013; Vieira et al., 2013).

Foi encontrada uma influência direta negativa entre a rejeição materna e a regulação identificada, o que sugere que práticas rejeitantes por parte da figura materna podem contribuir para níveis baixos de regulação identificada nos pré-adolescentes, já que estas práticas se encontram associadas à frustração das necessidades básicas psicológicas. Deste modo, este resultado enquadra-se na literatura existente (Vieira et al., 2013), ainda que em contexto desportivo e também na literatura integrada na teoria da autodeterminação, uma vez que, como figura de referência, a mãe deverá adotar comportamentos de orientação e cuidado para facilitar a satisfação das múltiplas necessidades, promovendo níveis de motivação mais autónomos, como é o caso da regulação identificada (Ryan & Deci, 2017), por outras palavras, quanto menor envolvimento, estrutura e apoio à autonomia a mãe fornecer, mais o filho será motivado de forma menos autónoma ou até mesmo amotivado (Vieira et al., 2013), o que parece comprovar a importância do papel parental no desenvolvimento de formas de motivação mais autodeterminadas.

A dimensão do suporte emocional materno e paterno predisse de forma direta e positiva variáveis motivacionais como a motivação intrínseca e regulação identificada, o que, mais uma vez, vai de encontro à literatura prévia, ainda que em contexto desportivo (Mizoguchi et al., 2013) e à teoria da autodeterminação, no sentido em que o desenvolvimento de formas de regulação mais autónomas são facilitadas pela satisfação das necessidades psicológicas básicas, pelo que estas se mostram dependentes das condições sociais de apoio (Deci & Ryan, 1987).

Salientam-se algumas limitações deste estudo, entre as quais a sua natureza transversal, que apesar de fornecer suporte para o modelo de mediação, impossibilita a atribuição de causalidade nas variáveis em estudo. Outra limitação está relacionada com a utilização do instrumento *Situational Motivation Scale for Children*, para aferir a motivação dos pré-adolescentes, que não se encontra validado para a população portuguesa e que, relativamente à subescala Regulação Externa, apresenta valores de *alfa de cronbach* moderados.

Para além do mencionado, a dificuldade associada à recolha de dados junto de pré-adolescentes inviabilizou a recolha somente on-line. Assim, foi necessário contactar uma escola, seleccionada de acordo com critérios de conveniência, de modo a obter um número

adequado de participações, o que acarretou outra limitação, o facto de a grande maioria da amostra recolhida frequentar a instituição de ensino seleccionada pode limitar esta investigação, na medida em que a instituição se encontra inserida no Território Educativo de Intervenção Prioritária, pela sua vulnerabilidade social e económica, marcada pela pobreza e onde a adoção de comportamentos de risco predominam entre os adolescentes (e.g., violência, indisciplina, abandono e insucesso escolar precoce e absentismo). Assim, encontram-se limitação ao nível da generalização dos resultados deste estudo, os quais devem ser replicados em estudos futuros e com amostras representativas a população.

Apesar das limitações identificadas, o estudo apresenta uma contribuição relevante para a literatura já existente, podendo guiar intervenções destinadas à promoção do funcionamento saudável e autodeterminado dos pré-adolescentes, guiadas pelo modelo mediacional testado.

CONCLUSÃO

A pesquisa descrita representa uma contribuição para a literatura sobre o papel mediador da regulação emocional dos pré-adolescentes, à luz da Teoria da Autodeterminação, na relação entre as práticas parentais e a motivação dos pré-adolescentes, possibilitando a compreensão de como esses processos funcionam tendo em conta as práticas do pai e da mãe.

Dos resultados discutidos neste estudo, as principais conclusões a que foi possível chegar são consistentes com a literatura prévia, mas também apresentam novas informações sobre as relações entre as variáveis estudadas. Neste sentido, foi possível confirmar a importância que as práticas parentais adequadas assumem para a determinação de melhor regulação emocional e de formas mais autodeterminadas de regulação no pré-adolescente. De ressaltar que a regulação emocional do pré-adolescente, nomeadamente a sua autoconsciência emocional, mostrou mediar parcialmente a relação entre as práticas parentais (i.e., suporte emocional materno e rejeição paterna) e a amotivação dos pré-adolescentes. Estes resultados validam a pertinência do presente estudo e justificam a sua continuidade, para além de servirem como guia no planeamento de intervenções para a prevenção da amotivação dos pré-adolescentes, por duas vias: (1) promovendo práticas parentais de suporte emocional e prevenindo práticas parentais de rejeitantes; (2) intervindo ao nível das estratégias de regulação emocional, particularmente na autoconsciência emocional.

Destaca-se que, apesar do papel mediador da autoconsciência emocional do pré-adolescente, o impacto das práticas parentais revelou ocorrer por caminhos diferentes para o caso da mãe e do pai. Assim, no que concerne ao efeito materno, parece que o suporte emocional é a prática parental que mais impacto apresenta ao nível da promoção da autoconsciência emocional, que por sua vez auxilia na prevenção da amotivação. No que diz respeito ao efeito paterno, a rejeição parental revelou-se a prática com mais impacto negativo na autoconsciência emocional, que por seu turno afeta a amotivação do pré-adolescente. De forma geral, torna-se possível concluir que o modo como os pré-adolescentes percecionam as práticas parentais do pai e da mãe é diferente. Consistente com esta conclusão, foi o estudo levado a cabo por Hasting e De (2008), que permitiu concluir que as respostas fornecidas a crianças pelas mães apresentaram formas mais calorosas e de apoio, ao passo que as respostas dadas pelos pais tendiam mais a ignorar e punir as emoções negativas dos filhos. Esta conclusão parece ser transversal, independentemente da etapa desenvolvimental onde o filho se encontra.

Os efeitos de mediação que se comprovaram neste estudo apresentam-se de utilidade acrescida, no sentido em que podem constituir-se um recurso importante a ter em conta no

desenvolvimento e construção de programas promotores de bem-estar não só de pré-adolescentes, mas também dos seus pais. As práticas parentais praticadas adotadas têm sido preditas pelo bem-estar das mães e pais e têm implicações significativas para a demarcação de trajetórias desenvolvimentais dos filhos (Romão, 2012; Yeung et al., 2002). Ainda assim, as práticas parentais não são a única variável que influencia o desenvolvimento do filho, existindo outras variáveis (e.g., regulação emocional e regulação motivacional), que apesar de serem influenciadas por elas, também são passíveis de aprimoramento através do treino e exposição a ambientes com características facilitadoras (Ryan & Deci, 2017). Ou seja, o indivíduo possui processos intrapessoais que podem apoiar o desenvolvimento da autorregulação emocional e motivacional quando os agentes contextuais não se revelam adequados (Ryan & Deci, 2017). Neste sentido, parece fundamental assumir a importância de compreender a relação entre as variáveis estudadas, uma vez que estas têm implicações no funcionamento do pré-adolescente e também acarretam implicações para o seu futuro (Freake et al., 2007).

Os resultados encontrados salientam a importância da qualidade das relações mãe/pai-filho para a satisfação das necessidades psicológicas básicas, promovendo o desenvolvimento da autorregulação, incluindo a capacidade para gerir emoções (Ryan & Deci, 2017). Assim, parece que as principais conclusões deste estudo validam a perspetiva adotada pela Teoria da Autodeterminação (Deci & Ryan, 1985).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ahmed, S. P., Bittencourt-Hewitt, A., & Sebastian, C. L. (2015). Neurocognitive bases of emotion regulation development in adolescence. *Developmental Cognitive Neuroscience*, 15, 11-25. <http://dx.doi.org/10.1016/j.dcn.2015.07.006>
- Amaral, M., & Cruz, J. (2013). Natureza da percepção de ameaça e preditores das estratégias de regulação emocional na competição: Um estudo com atletas talentosos do futebol. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 13(3), 45-59.
- Arribas-Galarraga, S., Saies, E., Cecchini, J., Arruza, J., & Luis-De-Cos, I. (2017). The relationship between emotional intelligence, self-determined motivation and performance in canoeists. *Journal of Human Sport and Exercise*, 12(3), 630-639. <https://doi.org/10.14198/jhse.2017.123.07>
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology*, 4(1), 1–103. <https://doi.org/10.1037/h0030372>
- Brand, A. E., & Klimes-Dougan, B. (2010). Emotion socialization in adolescence: The roles of mothers and fathers. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 2010(128), 85-100. <https://doi.org/10.1002/cd.270>
- Bell, K. L., & Calkins, S. D. (2000). Relationships as inputs and outputs of emotion regulation. *Psychological Inquiry*, 11(3) 160–163. https://doi.org/10.1207/S15327965PLI1103_04
- Bolkan, C., Sano, Y., Costa, J., Acock, A., & Day, R. (2010). Early adolescents' perceptions of mothers' and fathers' parenting styles and problem behavior. *Marriage & Family Review*, 46(8), 563-579. <https://doi.org/10.1080/01494929.2010.543040>

- Calkins, S. D., & Johnson, M. C. (1998). Toddler regulation of distress to frustrating events: Temperamental and maternal correlates. *Infant Behavior & Development, 21*(3) 379–395. [https://doi.org/10.1016/S0163-6383\(98\)90015-7](https://doi.org/10.1016/S0163-6383(98)90015-7)
- Canavarro, M. (1999). *Relações afectivas e saúde mental*. Quarteto Editora.
- Canavarro, M. C., & Pereira, A. I. (2007). A percepção dos filhos sobre os estilos educativos parentais: A versão portuguesa do EMBU-C. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación e Avaliação Psicológica, 24*(2), 193-21. <https://www.re-dalyc.org/pdf/4596/459645447010.pdf>
- Carvalho, M. C. N., & Gomide, P. I. C. (2005). Práticas educativas parentais em famílias de adolescentes em conflito com a lei. *Estudos em Psicologia, 22*(3), 263-275. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2005000300005>
- Casey, B. J., & Caudle, K. (2013). The teenage brain: Self-control. *Current Directions in Psychological Science, 22*(2), 82–87. <https://doi:10.1177/0963721413480170>
- Casey, B. J., Duhoux, S., & Cohen, M. M. (2010). Adolescence: What do transmission, transition, and translation have to do with it? *Neuron, 67*(5), 749-760. <https://doi.org/10.1016/j.neuron.2010.08.033>
- Casey, B. J., Galvan, A., & Hare, T. A. (2005). Changes in cerebral functional organization during cognitive development. *Current Opinion in Neurobiology, 15*(2) 239-244. <https://doi.or/10.1017/j.conb.2005.03.012>
- Casey, B. J., Jones, R. M., & Hare, T. A. (2008). The adolescent brain. *Annals in the New York Academy of Sciences, 1124*(1), 111-126. <https://doi.org. 10.1196/annals.1440.010>
- Castro, J., Toro, J., Van Der Ende, J., & Arrindell, W. A. (1993). Exploring the feasibility of assessing perceived parental rearing styles in Spanish children with the EMBU. *The*

International Journal of Social Psychiatry, 39(1), 47-57.

<https://doi.org/10.1177/002076409303900105>

Costa, F. T., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2000). Responsividade e exigência: Duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13, 465-

473. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722000000300014>

Conrade, G., & Ho, R. (2001). Differential parenting styles for fathers and mothers: Differential treatment for sons and daughters. *Australian Journal of Psychology*, 53(1), 29-

35. <https://doi.org/10.1080/00049530108255119>

Coutinho, P., Mesquita, I., & Fonseca, A. M. (2018). Influência parental na participação desportiva do atleta: Uma revisão sistemática da literatura. *Revista de Psicología Del Deporte*, 27(2), 47–58.

Curvello, R., & Mendes, D. (2020). Estratégias de regulação emocional de pais: Uma revisão da literatura. *Psicologia Clínica*, 32(2), 231-250. [https://doi.org/10.33208/PC1980-](https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0032n02A02)

[5438v0032n02A02](https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0032n02A02)

Deci, E., & Ryan, R. (1985). *Intrinsic motivation and self-determination in human behavior*. Plenum Press.

Deci, E. L., & Ryan, R. M. (1987). The support of autonomy and the control of behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53(6), 1024-1037.

<https://doi.org/10.1037/0022-3514.53.6.1024>

Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2000). The “what” and “why” of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry*, 11(4), 227-268.

https://doi.org/10.1207/S15327965PLI1104_01

Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2008). Facilitating optimal motivation and psychological well-being across life’s domains. *Canadian Psychology/Psychologie Canadienne*, 49(1),

14–23. <https://doi.org/10.1037/0708-5591.49.1.14>

- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2014). Autonomy and need satisfaction in close relationships: Relationships motivation theory. In N. Weinstein (Ed.), *Human motivation and interpersonal relationships: Theory, research and applications* (pp. 53-73). Springer.
https://doi.org/10.1007/978-94-017-8542-6_3
- Fox, N. A., & Calkins, S. D. (2003). The development of self-control of emotion: Intrinsic and extrinsic influences. *Motivation and Emotion*, 27(1), 7–26.
<https://doi.org/10.1023/A:1023622324898>
- Freake, H., Barley, V., & Kent, G. (2007). Adolescents' views of helping professionals: A review of the literature. *Journal of Adolescence*, 30(4), 639- 653.
<https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2006.06.001>
- Gaete, V. (2015). Desarrollo psicosocial del adolescente. *Revista Chilena de Pediatría*, 86(6), 436-433. <https://doi.org/10.1016/j.rchipe.2015.07.005>
- Gupta, T., & Gehlawat, P. (2020). Emotional regulation in adolescents: A narrative review. *Journal of Indian Association for Child & Adolescent Mental Health*, 16(3), 171-193.
- Gunzenhauser, C., Fäsche, A., Friedlmeier, W., & Suchodoletz, A. V. (2014). Face it or hide it: Parental socialization of reappraisal and response suppression. *Frontiers in Psychology*, 4, 1-14. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2013.00992>
- Hair, Jr., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2014). *Multivariate data analysis* (7^a Ed.). Prentice Hall.
- Hastings, P. D., & De, I. (2008). Parasympathetic regulation and parental socialization of emotion: Biopsychosocial processes of adjustment in preschoolers. *Social Development*, 17(2), 211-238. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00422.x>

- Hodgins, H. S., & Knee, C. R. (2002). The integrating self and conscious experience. In E. L. Deci, & R. M. Ryan (Eds.), *Handbook of self-determination research* (pp. 87-100). University of Rochester Press.
- Holmbeck, G. N., Paikoff, R. L., & Brooks-Gunn, J. (1995). Parenting adolescents. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (pp. 91-118). Lawrence Erlbaum.
- Kim, E., Hong, S., & Rockett, C. M. (2016). Korean American parent's perceptions of effective parenting strategies in the United States. *Journal Culture Diversity*, 3(1), 12-20.
- Le, T. M., Huang, A. S., O'Rawe, J., & Leung, H. (2020). Functional neural network configuration in late childhood varies by age and cognitive state. *Developmental Cognitive Neuroscience*, 45, 1-12. <https://doi.org/10.1016/j.dcn.2020.100862>
- Leerkes, E. M., Blankson, A. N., & O'Brien, M. (2009). Differential effects of maternal sensitivity to infant dis-tress and nondistress on social-emotional functioning. *Child Development*, 80(3), 762–775. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2009.01296.x>
- MacDermott, S. T., Gullone, E., Allen, J. S., King, N. J., & Tonge, B. (2010). The emotion regulation index for children and adolescents (ERICA): A psychometric investigation. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 32(3), 301–314. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1007/s10862-009-9154-0>
- Mabbe, E., Soenens, B., Muynck, G., & Vansteenkiste, M. (2018). The impact of feedback valence and communication style on intrinsic motivation in middle childhood: Experimental evidence and generalization across individual differences. *Journal of Experimental Child Psychology*, 170, 134-160. <https://doi.org/10.1016/j.jecp.2018.01.008>
- Markus, T. M., Lindhout, E., Boer, F., Hoogendijk, T. H. G., & Arrindell, W. A. (2003). Factors of perceived parental rearing styles: The EMBU-C examined in a sample of dutch

primary school children. *Personality and Individual Differences*, 34(3), 503-519.

[https://doi.org/10.1016/s0191-8869\(02\)00090-9](https://doi.org/10.1016/s0191-8869(02)00090-9)

Mauro, C. F., & Harris, Y. R. (2000). The influence of maternal child-rearing attitudes and teaching behaviors on preschoolers' delay of gratification. *The Journal of Genetic Psychology*, 161(3), 292-306. <https://doi.org/10.1080/00221320009596712>

McKinney, C., & Renk, K. (2008). Differential parenting between mothers and fathers: Implications for late adolescents. *Journal of Family Issues*, 29(6), 806-827.

<https://doi.org/10.1177/0192513X07311222>

Méndez, S. M., Andrade, P. P., & Peñaloza, G. R. (2013). Prácticas parentales y capacidades y dificultades en pre-adolescentes. *Revista Intercontinental de Psicología y Educación*, 15(1), 99-118.

Mizouguchi, M., Balbim, G., & Vieira, L. (2013). Estilo parental, motivação e satisfação de atletas de beisebol: Um estudo correlacional. *Revista de Educação Física/UEM*, 24(2), 215-223. <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v24.2.16282>

Morales, M., & López-Zafra, E. (2009). Inteligencia emocional y rendimiento escolar: Estado actual de la cuestión. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 41(1), 69-79.

Morris, A. S., Silk, J. S., Steinberg, L., Myers, S. S., & Robinson, L. R. (2007). The role of the family context in the development of emotion regulation. *Social Development*, 16(2), 361-388. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00389.x>

Muthén, L. K., & Muthén, B. O. (1998–2012). *Mplus user's guide* (7^a Ed.). Muthén & Muthén.

Oriol, X., Amutio, A., Mendoza, M., Da Costa, S., & Miranda, R. (2016). Emotional creativity as predictor of intrinsic motivation and academic engagement in university students: The mediating role of positive emotions. *Frontiers in Psychology*, 7, 1243.

<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.01243>

- Pinto, H., Carvalho, A. R., & Sá, E. (2014). Os estilos educativos parentais e a regulação emocional: Estratégias de regulação e elaboração emocional das crianças em idade escolar. *Análise Psicológica*, 32(4), 387-400. <https://doi.org/10.14417/ap.844>
- Reverendo, I. M. M. S. (2011). *Regulação emocional, satisfação com a vida & perceção da aceitação - Rejeição parental. Estudo de adaptação e validação da versão portuguesa do emotion regulation index children and adolescents (ERICA)*. [Master's thesis, Universidade de Coimbra]. Repositório científico da UC. <http://hdl.handle.net/10316/18199>
- Rodríguez-González, P., Cecchini, J. A., Méndez-Giménez, A., & Sánchez- Martínez, B. (2021). Intrinsic motivation, emotional Intelligence and self-regulated learning: A multilevel analysis. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y el Deporte*, 21(82), 235-252. <https://doi.org/10.15366/rimcafd2021.82.003>
- Romão, M. G. (2012). *As Práticas Educativas Parentais em Crianças dos 0 aos 12 anos na Província de Benguela*. [Master's thesis, Universidade Superior de Ciências da Saúde]. CESPU Repository. <https://repositorio.cespu.pt/handle/20.500.11816/279>
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2000). Intrinsic and extrinsic motivations: Classic definitions and new directions. *Contemporary Education Psychology*, 25(1), 54-67. <https://doi.org/10.1006/ceps.1999.1020>
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2017). *Self-determination theory: Basic psychological needs in motivation development and wellness*. Guilford Press. <https://doi.org/10.1521/978.14625/28806>
- Silverman, W., & Ragusa, D. M. (1992). A short-term longitudinal study of the early development of self-regulation. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 20(4), 415-435.

- Skalski, S. (2019). The Situational Motivation Scale (SMS-15) for Children: Design and preliminary psychometric properties assessment. *Pedagogical Contexts*, 1(12), 191-202. [http://doi.org/10.19265 / KP.2019.112191](http://doi.org/10.19265/KP.2019.112191)
- Southman-Geroe, M. A., & Kendall, P. C. (2002). Emotion regulation and understanding: Implications for child psychopathology and therapy. *Clinical Psychology Review*, 22(2), 189-222. [https://doi.org.10.1016/s0272-7358\(01\)00087-3](https://doi.org.10.1016/s0272-7358(01)00087-3)
- Steinberg, L. (2008). A Social neuroscience perspective on adolescent risk- taking. *Developmental Review*, 28(1), 78–106. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2007.08.002>
- Ullrich-French, S., & Smith, A. L. (2009). Social and motivational predictors of continued youth sport participation. *Psychology of Sport and Exercise*, 10(1), 87-95. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2008.06.007>
- Vieira, L., Mizoguchi, M., Junior, E., & Garcia, W. (2013). Estilos parentais e motivação em atletas jovens de futebol de campo. *Pensar a Prática*, 16(1), 183-196. <https://doi.org.10.5216/rpp.v16i1.16539>
- Weinstein, N., Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2011). Motivational determinants of integrating positive and negative past identities. *Journal of Personality and Social Psychology*, 100(3), 527-544. <https://doi.org/10.1037/a0022150>
- Yeung, W. J., Linver, M. R., & Brooks-Gunn, J. (2002). How money matters for young children's development: Parental investment and family processes. *Child Development*, 73(6), 1861-1879. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.t01-1-00511>



ANEXOS

Anexo 1: Consentimento Informado para Recolha On-line

Influência das Práticas Parentais na Regulação Emocional e na Motivação Intrínseca de pré-adolescentes dos 10 aos 12 anos

O estudo para que solicitamos a participação do/a seu/sua filho/a faz parte de uma investigação realizada no âmbito da dissertação de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, do Departamento de Psicologia e Educação da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto. Esta investigação tem como objetivo geral estudar a influência das práticas parentais na regulação emocional e na motivação intrínseca de crianças entre 10 a 12 anos.

Caso tenha um ou mais filhos nestas idades, sem qualquer condição que os impeça de responder adequadamente aos questionários (exemplos: dificuldades na leitura ou na escrita- dislexia, discalculia e/ou disgrafia, perturbações do espectro do autismo, perturbação de hiperatividade e défice de atenção), agradecemos a sua participação, a qual será essencial para o desenvolvimento dos conhecimentos científicos nesta área.

À exceção de alguns casos em que pedimos informação sobre os dados sociodemográficos do/a seu/sua filho/a, não existem respostas corretas ou incorretas, nem boas ou más respostas. Apenas pedimos que a opinião do seu educando seja expressada de forma espontânea e sincera, sem preocupação com o julgamento dos outros. É importante saber que os questionários que o/a seu/sua filho/a irá preencher são anónimos e individuais e que os dados recolhidos serão tratados de modo coletivo, na mais estrita confidencialidade e apenas para fins de investigação.

Caso autorize a participação do/a seu/sua filho/a, peço-lhe que assinale a questão abaixo descrita e em seguida dê o questionário ao seu/sua filho/a, para que ele/ela responda às questões individualmente.

INFORMAÇÃO PÓS-ESTUDO

Aos pais/mães e aos participantes nesta investigação que o solicitarem, fica garantida a entrega, após conclusão do estudo, de um relatório com os resultados gerais da investigação, mantendo-se anónimos e confidenciais os dados pessoais. Caso pretenda obter informações sobre os resultados obtidos, por favor, dê essa indicação para o seguinte endereço: ppremi.dissertacao@gmail.com

Aceito que o/a meu/minha filho/a participe neste estudo, sob as condições a cima descritas, nomeadamente a inclusão das informações anónimas e confidenciais aqui recolhidas numa base de dados para tratamento coletivo

Anexo 2: Consentimento Informado para Recolha Presencial

Exmo./Exma. Encarregado(a) de Educação,

O estudo para que solicitamos a participação do seu educando faz parte de uma investigação realizada no âmbito da dissertação de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, do Departamento de Psicologia e Educação da Universidade Portuguesa Infante D. Henrique, Porto. Esta investigação tem como objetivo geral estudar a influência das práticas parentais na regulação emocional e na motivação intrínseca de crianças entre 10 a 12 anos.

Caso autorize a participação do seu Educando, depois da entrega do consentimento informado assinado por si, proceder-se-á ao agendamento de uma sessão presencial onde os estudantes, autorizados a participar na investigação, preencherão, em recolha única, o protocolo de investigação por meio de um computador ou telemóvel, na plataforma Google Forms. Em alternativa, poderá também ser fornecido o protocolo de investigação. O seu preenchimento não excede 25 minutos. À exceção de alguns casos em que pedimos informação sobre os dados sociodemográficos do seu educando, não existem respostas corretas ou incorretas, nem boas ou más respostas. Apenas pedimos que a opinião do seu educando seja expressada de forma espontânea e sincera, sem preocupação com o julgamento dos outros. É importante saber que os questionários que o seu educando irá preencher são **anónimos e individuais** e que os dados recolhidos serão tratados de modo coletivo, na mais estrita **confidencialidade** e apenas para fins de investigação.

INFORMAÇÃO PÓS-ESTUDO

Aos Encarregados de Educação e aos participantes nesta investigação que o solicitarem, fica garantida a entrega, após conclusão do estudo, de um relatório com os resultados gerais da investigação, mantendo-se **anónimos e confidenciais** os dados pessoais. Caso pretenda obter informações sobre os resultados obtidos, por favor, dê essa indicação para o seguinte endereço: ppremi.dissertacao@gmail.com

----- Destacar e entregar à Professora -----

CONSENTIMENTO INFORMADO

Declaro que fui informado/a de que a investigação "PPREMI" para a qual a participação do meu Educando foi solicitada, se destina a estudar a influência das práticas parentais na regulação emocional e na motivação intrínseca de crianças entre 10 a 12 anos. Foi-me garantido que todos os dados relativos à identificação do meu Educando são **anónimos e confidenciais**. Aceito que o meu educando participe, se essa for a sua vontade. Sei que o meu educando pode recusar ou, a qualquer momento, interromper a participação no estudo, sem nenhum tipo de penalização por este facto. Percebo que se tiver alguma dúvida ou questão posso contactar a investigadora através do seguinte email: ppremi.dissertacao@gmail.com. Autorizo também a divulgação científica dos dados recolhidos sobre o meu Educando nesta investigação, desde que garantido o seu **anonimato e confidencialidade**.

Aceito participar neste estudo, sob as condições acima descritas, nomeadamente a inclusão das informações **anónimas e confidenciais** aqui recolhidas numa base de dados para tratamento coletivo

Não aceito que o meu educando participe neste estudo.

Nome do Educando: _____

Nome do Encarregado de Educação: _____

Assinatura: _____

Por favor responda às seguintes questões:

1. O seu educando tem algum diagnóstico médico?
- Não
- Sim, Dislexia/Discalculia/Disgrafia
- Sim, Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção (PHDA)
- Sim, Perturbação do Espetro do Autismo (PEA)
2. O seu educando toma alguma medicação?
- Não
- Sim. Qual? _____

